

## SOLIDARIEDADE, O FRUTO DE UMA ADORAÇÃO GENUÍNA

Mariana Maciel da Silva\*

### Resumo

O presente artigo visa oferecer um modelo vivencial para o cristão, a partir do ministério profético de Jesus. Em especial nos ensinamentos de Cristo para a mulher samaritana, para os fariseus no episódio das espigas arrancadas e em seu último sermão, a videira verdadeira. Em todos estes momentos percebe-se que para Jesus o modo de viver é tão importante que ele coloca como sinônimo de adoração. Este estilo de vida envolve justiça, companheirismo, compreensão, misericórdia e amor a todos os indivíduos com os quais se convive. Será contextualizada a sociedade na qual Jesus se inseria, com essa informação ficará fácil a comparação e o paralelismo com a sociedade atual. O artigo finaliza com a demonstração da necessidade de uma adoração prática, que é uma convocação à liberdade e à vida, para se alcançar tais aspectos é preciso preservar a dignidade das pessoas.

**Palavras-chave:** Excluídos. Misericórdia. Amor.

### Abstract

The present article objects to give a model of living to the Christians, from the prophet ministry of Jesus. Especially from the teaching of Christ to the Samaritan woman, to the Pharisees on the episode of torn ears and in His last preach, the true vine. In all these moments Jesus shows that the way to live is so important that He put as synonymous for adoration. This stile of living involves justice, mercy, fellowship, understanding and love to all people who coexists. Will be describe the society in which Jesus was, with these information will be easy make the comparison and the parallelism with the actual society. The article finish with de demonstration of the need of a practical adoration, which is a invitation to freedom and to life, to reach these aspects é necessary preserve the dignity of people.

**Keywords:** Excluded. Mercy. Love.

Os profetas preocupavam-se na restauração do ser humano espiritualmente, fisicamente e socialmente. Assim como o homem é um todo e não partes isoladas, a sociedade depende de todos e não apenas de alguns indivíduos isolados. Uma sociedade será produtiva e completa quando cada seguimento estiver bem estruturado, não apenas um grupo ter condições plenas enquanto outro é terrivelmente abandonado e explorado.

---

\* Mariana Maciel da Silva. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.  
E-mail: marianatiama@yahoo.com.br

Contra a desigualdade social de seus dias clamavam os profetas, desejavam restaurar o povo e torná-lo uniforme em condições existenciais. Profeta por profeta clamavam pela igualdade social, mas infelizmente as mudanças não ocorreram de forma significativa ao longo do tempo. Mesmo após todo o período profético (aproximadamente do século IX ao VI a.C.) continuava a desigualdade, a pobreza e o sofrimento.

Após o período dos profetas, a Bíblia apresenta o mais sublime período da humanidade, quando Jesus esta com os homens. Assegura Pagola:

Jesus traz um horizonte diferente para a vida, uma dimensão mais profunda, uma verdade mais essencial. Sua vida converte-se num chamado a viver a existência a partir de sua raiz última, que é um Deus que só quer para seus filhos e filhas uma vida mais digna e feliz. O contato com ele convida a desprender-se de posturas rotineiras e postiças; liberta de enganos, medos e egoísmo que paralisam nossa vida; introduz em nós algo tão decisivo como a alegria de viver, a compaixão pelos últimos ou o trabalho incansável por um mundo mais justo.<sup>1</sup>

Quem foi Jesus é uma importante pergunta, compreender seu papel e preocupação é o que norteia o cristianismo. Mesmo em seus dias tal tema era plenamente debatido:

Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram. “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou; “E vós, quem dizes que eu sou?” Simão Pedro respondendo, disse: “Tu é o Cristo, o filho do Deus vivo”. (Mt 16, 13-16)

A resposta de Simão Pedro foi acertada e elogiada por Jesus. Mas antes de perguntar diretamente aos seus discípulos quem eles achavam que ele era, perguntou o que comentavam sobre ele. De um modo geral a população percebia Jesus como um profeta e o comparava a dois muitos estudados, Elias e Jeremias. Pode-se inferir que Jesus era visto como profeta.

Em um primeiro momento comparar-se-á a estrutura social dos dias de Jesus com a realidade no tempo dos profetas, então far-se-á uma leitura profética do ministério de Jesus. Comparar-se-á os ensinamentos e discursos de Jesus com as ações dos profetas.

---

<sup>1</sup> PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 22

## Contexto histórico da comunidade na qual Jesus vivia

Jesus nasceu em um mundo dominado pelo império Romano, embora sendo judeu, deveria ser submisso e conviver com a cultura romana. A população do Império não era muito extensa, no início do primeiro século provavelmente havia cerca de cinquenta milhões. As maiores concentrações eram urbanas, principalmente nas cidades de Roma e Alexandria. As demais cidades eram rurais, pequenas, com poucos habitantes, pessoas sem cultura e pobres.

Nos dias do ministério de Jesus imperava a *Pax Romana*, um período de relativa paz. Relativa, pois a ausência de guerras ocorria por não haver um poder que pudesse enfrentar o Império; esta “paz” era garantida pelas armas e pelo autoritarismo. Tal situação durou de 29 a.C. quando Augusto César declarou o fim das guerras civis e seguiu até 180 com a morte de Marco Aurélio, os dois primeiros séculos do Império e da era cristã. “Umhas trinta legiões, de cinco mil homens cada uma, e mais outras tropas auxiliares asseguravam o controle absoluto de um território imenso que se estendia desde a Espanha e as Gálias até a Mesopotâmia; desde as fronteiras do Reno, do Danúbio e do mar Morto até o Egito e norte da África.”<sup>2</sup>

Em um território tão vasto como o do Império Romano, as desigualdades sociais eram também imensas. Gritantes diferenças havia entre os cidadãos romanos e os povos dominados, os judeus da Palestina participavam no Império como um povo subjugado.

Há duas regiões principais, a Galiléia e a Judéia, que foram habitadas e visitadas por Jesus. A primeira, Galiléia, “na época do Novo Testamento estava compreendida entre o vale de Jezrael a sul, o rio Litani ao norte e a depressão do mar da Galiléia a leste.”<sup>3</sup>

Sobre a densidade populacional da Galiléia “Josefo afirma que, na Galiléia, transformada juntamente com as regiões vizinhas em província do Império Romano desde 63 a.C., nenhuma das mais de duzentas cidades tinha menos de 15.000

---

<sup>2</sup> PAGOLA, 2011, p. 30

<sup>3</sup> CORNELL, Timm e MATTEWS, John. *Roma: legado de um império. Volume I e II*. Madri: Edições Del Prado, 1996. p.130

habitantes antes do início da guerra judaica, no ano de 66” ao fazer esta averiguação em sua obra Tilly<sup>4</sup> contesta um pouco o historiador Josefo, pois ao seguir essa estimativa a Galiléia teria mais de três milhões. É verdade que houve um grande aumento populacional na Galiléia, mas o número de habitantes deve ter permanecido ao redor de um milhão. Por esta região caminhou, ensinou e atuou Jesus. Pagola ressalva:

Na região montanhosa encontrava-se Nazaré e um pouco mais ao norte, no meio de um vale encantador, Séforis, capital da Galiléia durante a infância de Jesus. A região do lago era uma comarca muito rica e povoada, ao redor de um lago de água doce e rico em peixes. Três importantes cidades aparecem em suas margens: Cafarnaum, Mágdala e Tiberíades.<sup>5</sup>

Durante o reinado de Herodes, o Grande, a Judéia e a Galiléia eram territórios unidos sob seu governo. Quando este morreu, o território em que governava foi dividido entre seus quatro filhos, separando a Galiléia da Judéia. Antipas governou sob a Galiléia e em seu governo “cresceu o latifúndio, ligado aos Saduceus, em prejuízo das propriedades comunitárias que eram características do sistema tradicional dos judeus.”<sup>6</sup>

A economia desta região, assim como a da maioria dos povos no mediterrâneo era agrícola, mas também havia outras formas de renda de acordo com Stegemenn e Stegemann:

A economia do povo judaico na terra de Israel era determinada, por um lado, por fatores produtivos como a agricultura, a atividade artesanal, o comércio e a atividade manufatureira, e, por outro lado, pelas condições políticas conjecturais que fixavam o tipo e o montante das contribuições.<sup>7</sup>

Devido a geografia, a pesca era de grande importância para a região. Além dessa atividade econômica havia a carpintaria, que no início do primeiro século estava em voga para expansão das cidades. Embora houvesse atividade produtiva, não havia recursos para a população devido à desigualdade social. Uma Galiléia

<sup>4</sup> TILLY, Michael. *Assim viviam os contemporâneos de Jesus: cotidiano e religiosidade no judaísmo antigo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.p. 39

<sup>5</sup> PAGOLA, 2011, p. 39

<sup>6</sup> MESTERS, Frei Carlos. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 39

<sup>7</sup> STEGEMANN, Ekkehard W. e Wolfgang Stegemann. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004. p. 17

subjugada, submissa e pobre foi a pátria de Jesus. Ele conviveu com a miséria e a necessidade. Destaca Pagola:

Jesus conheceu uma Galiléia afogada em dívidas. A maior ameaça para a imensa maioria era ficar sem terras nem recursos para sobreviver. Quando, forçada pelas dívidas, a família perdia suas terras, começava para seus membros a desagregação e a degradação. Alguns se transformavam em diaristas e iniciavam uma vida penosa em busca de trabalho em propriedades alheias. Havia os que se vendiam como escravos. Alguns viviam da mendicância e algumas mulheres da prostituição. Não faltava quem se unisse a grupos de bandidos e salteadores em alguma região inóspita do país.<sup>8</sup>

A vida desafortunada seguiu a comunidade judaica durante o domínio do Império Romano. Após a morte de Herodes em 4 a.C. seu filho Arquelau reivindicava o trono e ouve os clamores de um povo pobre: “apelo para abaixar as elevadas taxas de impostos, soltar os prisioneiros políticos ainda detidos na prisão de seu pai, substituir o sumo sacerdote corrupto por outro que agisse mais de acordo com a lei e restaurar a justiça suspendendo as ações repressivas do seu pai”<sup>9</sup> O primeiro clamor do povo foi por redução de impostos, pois eles pagavam muitas taxas. Estes tributos e impostos eram cobrados devido a ocupação romana, todos os judeus eram tributados pela área territorial que possuíam (denominada *tributum soli*) que poderia ser paga em dinheiro ou em artigos valorosos. “Além disso, cada homem devia pagar a partir dos 14 anos de idade, e cada mulher a partir dos 12 anos, um imposto individual (*tributum capitis*) no valor anual de um dinar (Mc12,13-17; cf. Lc 23,2), como aliás todos os habitantes das províncias romanas.”<sup>10</sup> A primeira taxa que um judeu pagava era para o Império Romano, mas as cobranças das taxas não se encerravam aqui, havia também as taxas do Templo.

Em primeiro lugar existia as taxas pagas aos sacerdotes, cerca de 2% da produção do campo; posteriormente havia o dizimo (que se calculava depois de tirar a parte do sacerdote) que era reservado aos levitas; por fim havia o segundo dízimo que deveria ser usado em sacrifícios e ceias realizados durante a peregrinação a Jerusalém e destinado aos pobres, viúvas e órfãos. Também para se afirmar judeu, deva-se o tributo do Templo, que era de 1%.

---

<sup>8</sup> PAGOLA, 2011, p. 46

<sup>9</sup> HORSLEY, Richard A. e John S. Hanson. *Bandidos, profetas, e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 47

<sup>10</sup> TILLY, 2004, p. 51.

Na soma de todas as taxas, o que o judeu repassava era de valor altíssimo.

Tilly exemplifica:

No caso de Judá bar Jonas, o cálculo seria o seguinte: a sua colheita de trigo vale 200 dinares; desse total precisa descontar a contribuição para os sacerdotes (teruma) que corresponde a uma taxa de 2%, isto é, 4 dinares, depois separa o primeiro dízimo, ou seja, 19,6 dinares, o segundo dízimo que é de 17,64 dinares e, finalmente o tributo do Templo, que corresponde a 2 dinares. Assim chega-se a um total de 43 dinares, ou exatamente, 21,63% do valor da colheita. Somando esses 21,63% aos 12,5% de impostos que devia pagar a Roma chega-se a um total de 34% do valor da colheita, ou seja, mais de 68 dinares.<sup>11</sup>

Em tais condições, onde 34% da produção da colheita é destinada a impostos, se clamava por uma política diferenciada. “Embora cada alternância de dominação trouxesse consigo certas mudanças, a soma da carga de tributos para a população deve ter permanecido, em última análise, relativamente constante, isto é, sempre muito alta.”<sup>12</sup>

Diante deste quadro, não é difícil de imaginar pobreza e severas dívidas para conseguir custear tudo e, ainda, sobreviver; “o crescente endividamento é o retrato mais claro desse problema.”<sup>13</sup> Muitos abriam mão de suas propriedades e surge a “falta aguda de solo, isto é, como redução da área de cultivo agrícola *per capita* da população. Cada vez mais pessoas eram forçadas a sobreviver com cada vez menos terra.”<sup>14</sup>

Sem terra e sem uma propriedade comunitária não havia segurança para os pobres da Galiléia. A primeira preocupação do agricultor não era manter sua família, mas, segundo Mesters:

Juntar o necessário para poder pagar os impostos ao governo e o dízimo ao Templo, e separar da colheita a parte que deveria servir como semente para a próxima colheita. Ao todo, mais da metade da produção! O pouco que sobrava tinha que ser o suficiente para manter a família. Consequência: empobrecimento progressivo.<sup>15</sup>

Esta foi a condição social que Jesus encontrou, não apenas como referencial para sua pregação, mas sendo ele mesmo alguém inserido na

<sup>11</sup> TILLY, 2004, p. 54 e 55

<sup>12</sup> STEGEMANN, 2004, p. 144

<sup>13</sup> STEGEMANN, 2004, p. 122

<sup>14</sup> STEGEMANN, 2004, p. 136

<sup>15</sup> MESTERS, 1999, p. 40

desigualdade social e permeado por ela. “A questão da posse dos bens foi visada pela pregação de Jesus que insistiu na importância da solidariedade, da partilha e do desapego do coração, contrariando a tendência a acumular e a capitalizar, á custa de injustiça e exploração”.<sup>16</sup>

Nessa situação econômica tão crítica, o surgimento de rouba-lheiras e movimentos revolucionários não é de surpreender. Surgiram os Sicários e Zelotes, diferenciá-los não é uma tarefa fácil, nem o objetivo deste artigo, assim apenas será comentado de modo superficial o que os rebeldes provocavam e causavam.

A maior aversão a estes grupos “é a ação do assassinato traiçoeiro executado com o punhal e perpetrada contra os próprios conterrâneos e em especial os membros do estrato superior que aparece em primeiro plano no conceito dos sicários.”<sup>17</sup>

Os rebeldes se concentravam em Jerusalém, podendo ser considerado um grupo “terrorista urbano que escolhia representantes simbólicos do estrato dominante judaico como alvo de suas ações.”<sup>18</sup> O objetivo destes indivíduos não era Roma, talvez por não possuírem força para tanto, mas as demais camadas sociais.

Nesta sociedade sofrida e penalizada possuir esperança era muito difícil. “Existe bem pouca evidência de expectativas judaicas de um profeta escatológico antes do tempo de Jesus. Não há qualquer documento de esperança.”<sup>19</sup> Compreender a falta de esperança é algo fácil diante da terrível situação.

Nesta triste realidade social encontra-se o ministério de Jesus. Assim como havia grandes desigualdades sociais nos dias dos profetas o mesmo acontecia durante a vida de Cristo. Da mesma maneira como os profetas se preocuparam com os sofredores desta dura realidade, assim se preocupou Jesus. Ele não percorreu grandes e ricas cidades, não desviava o seu olhar do carente, mas desejava ampará-lo e confortá-lo. Essa tão generosa preocupação com o sofredor e oprimido é o que norteou a sua atuação. Ele que possuía toda a glória e honra, abriu mão dela para vir socorrer o homem pobre e caído. O amor pelo sofredor e desamparado direcionou cada palavra, cada gesto e cada ação. Amou quem não esperava ser amado, socorreu quem não acreditava mais que seria ajudado. Algumas de suas

---

<sup>16</sup> VITÓRIO, apud AQUINO, Marcelo Fernandes de. *Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e esperança*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999. p. 137

<sup>17</sup> STEGEMANN, 2004, p. 208.

<sup>18</sup> STEGEMANN, 2004, p. 209

<sup>19</sup> HORSLEY, 1995, p. 144

grandiosas palavras e maravilhosas ações é o que será estudado adiante, como o maior de todos os profetas amou.

### **Jesus ensinava seguindo o modelo profético**

Jesus possuía a natureza de um professor, o maior que já existiu. Afirma Pagola:

As pessoas o chamam rabi, porque o vêem como mestre. Não é apenas uma forma de tratá-lo com respeito. Seu modo de dirigir-se ao povo para convidar a todos a viver de outra maneira ajusta-se á imagem de um mestre de seu tempo. Não é só um profeta que anuncia a irrupção do reino de Deus. É um sábio que ensina a viver respondendo a Deus.<sup>20</sup>

Este excepcional professor sabe como tocar na mente e no coração de seus alunos, era impossível ouvi-lo e não tomar uma decisão. O mesmo autor faz a seguinte declaração:

Quando proclama o reino de Deus, Jesus o faz procurando despertar uma resposta. Deus está atuando. Israel não pode continuar vivendo esta nova situação como se nada estivesse acontecendo. É preciso entrar no projeto de Deus. Esta resposta é necessária não para que chegue seu reino, tampouco para merecê-lo. Deus esta oferecendo seu amor compassivo a todos, sem olhar os méritos de ninguém. A preocupação de Jesus é outra: como responder ao Pai, que já está atuando? Como viver agora sob a compaixão de Deus? Ele já vive transformado interiormente pelo reino de Deus, mas aquelas pessoas precisam ouvir um chamado novo que toque seu coração.<sup>21</sup>

Um belo ensinamento é o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana (registrada em João 4,1-30). O texto inicia afirmando que “Era preciso passar por Samaria” para que Jesus chegasse onde queria. Na realidade um judeu não faria este caminho, desviaria para não se contaminar, mas Jesus não se importava com os preconceitos de seus dias.

Há dois problemas em destaque neste trecho, preconceito e adoração. Preconceito por tratar-se de um diálogo entre um judeu e uma samaritana. Maggi afirma:

O ódio entre os judeus e os samaritanos existia aproximadamente a sete séculos quando, depois da deportação dos habitantes de Samaria para a Assíria, a região havia sido repovoada por colonos estrangeiros;

---

<sup>20</sup> PAGOLA, 2011, p. 287 e 288

<sup>21</sup> PAGOLA, 2011, p. 293

rapidamente os samaritanos transformaram-se em fruto mestiço nascido do cruzamento entre os colonos e os habitantes da região (2 Rs 17,24-28).<sup>22</sup>

Os judeus não se relacionavam com samaritanos, além da nacionalidade, ela era mulher, desprezada em uma sociedade machista. Provavelmente não era bem vista, foi buscar água no calor do dia, no horário no qual não encontraria ninguém. Mas Jesus estava preocupado em demonstrar-lhe que era aceita por Deus, pois ele a amava e a compreendia como ninguém mais.

Jesus surpreende totalmente qualquer expectativa. Ele estava sozinho no poço, ele começa o diálogo de maneira que a mulher não poderia ignorar, pois lhe pede um favor. O interessante na preocupação de Deus com o sofredor, é que ele é quem toma a iniciativa, mesmo quando o necessitado não sabe para quem clamar. Esta ignorância, não saber a quem e como pedir socorro, é demonstrada nas perguntas da mulher, sobre a adoração e a identidade de Jesus. Este é o único momento em seu ministério em que ele assume ser o Messias claramente. Quando, em seu julgamento, foi questionado sobre sua missão por governadores e sacerdotes, Jesus não respondeu, mas para uma mulher pecadora ele se revela claramente. Assegura Bruce:

Aquele que os judeus esperavam como príncipe prometido da casa de Davi era, ao mesmo tempo, aquele que os samaritanos (e outros) esperavam como profeta semelhante a Moisés. No começo, ela não soube quem lhe tinha pedido um gole de água, mas agora ela compreendeu como ele podia apresentar-se como alguém maior que seu pai Jacó; o Aquele que vem, em pessoa, estava sentado no poço falando de maneira tão maravilhosa com ela.<sup>23</sup>

O tema central trata-se de salvação, o que o homem precisa fazer para ser salvo. Este aspecto é discutido na impotência do homem em sanar sua ansiedade (sede); somente Jesus pode fazer isso. Nada que o ser humano faça é capaz de o tornar digno de Deus, a salvação é um presente de Deus, e não depende das virtudes do homem. No aspecto de quem salva, é discutida a identidade de Jesus, se é maior que Jacó ou um profeta; até que ele se declara abertamente como Messias digno de adoração.

<sup>22</sup> MAGGI, Alberto. *Como ler o evangelho sem perder a fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 42

<sup>23</sup> BRUCE, F. F. *João: Introdução e comentário*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987. p. 105

O ponto passa a ser então adoração. Naquele momento onde se adorava a Deus era mais importante de como o adorar. Todos os profetas clamavam por uma autêntica adoração, o lugar não era tão importante, mas a verdadeira adoração é feita de coração inteiro, em todos os momentos da vida.

Desta tão profunda conversa podem-se comparar diversos aspectos com as ações e discursos dos profetas, mas atentar-se-á apenas para um: adoração. O que poderia significar adorar a Deus em espírito e verdade? Tal resposta os profetas já declaravam:

Dirigem-se a ti em bando, sentam-se na tua presença e ouvem a tua palavra, mas não a põem em prática. O que eles praticam é a mentira que esta na sua boca; o que o seu coração busca é o seu lucro (Ez 33, 31).  
O Senhor disse: Visto que este povo se achega junto a mim com palavras e me glorificam com os lábios, mas o seu coração esta longe de mim e a sua reverencia para comigo não passa de um mandamento humano, de coisa aprendida por rotina, o que me resta é continuar a assustar a este povo com prodígios e maravilhas; a sabedoria de seus sábios perecerá e o entendimento de seus entendidos se desfará (Is 29,13).

Jesus demonstra o amor de Deus, pois ele ama o ser humano independente do gênero, etnia e até mesmo méritos. “O Senhor não espera presentes dos homens, mas ele se faz dom para eles.”<sup>24</sup> Deus ama e aceita o homem como ele é e está, mas espera em resposta uma adoração completa, repleta de ação de preocupação com o próximo. Pagola declara:

Jesus estabelece uma estreita conexão entre o amor a Deus e o amor ao próximo. Eles são inseparáveis. Não é possível amar a Deus e desinteressar-se do irmão... Não existe um âmbito sagrado no qual nos possamos ver a sós com Deus; não é possível adorar a Deus no templo e viver esquecido dos que sofrem; o amor a Deus que exclui o próximo converte-se em mentira. O que vai contra o amor vai contra Deus.<sup>25</sup>

Quando se pensa em adoração, além dos judeus destacarem onde adorar, também enfatizavam quando adorar. Assim surge outro ensinamento sobre adoração registrado em Lucas 6, 1-5. O problema tratava da guarda do dia de sábado. Os fariseus questionaram a atitude dos discípulos ao colherem e debulharem. Tal ação era considerada trabalho e não deveria ser feita no dia de sábado, segundo a compreensão deles. O texto não declara quando os fariseus entram no relato, de onde eles surgem, nem onde estavam. Rius-Camps ressalva

<sup>24</sup> MAGGI, 1999, p. 44

<sup>25</sup> PAGOLA, 2011, p. 306 e 307

“estão à espreita em toda a parte, como garantes da Lei que são.”<sup>26</sup> Poderia se conjecturar que estavam acompanhando para julgar a atitude de Jesus e seus seguidores; a preocupação deles não era cumprir a Lei, mas cuidar que os outros cumprissem dentro de suas expectativas.

Bovon<sup>27</sup> mostra que as atitudes de Jesus não correspondem ao que se esperava dele, parecia que Jesus fazia sempre ao contrário, pois diferente de todos os demais, Cristo sempre coloca o ser humano no centro, e não a obediência pela obediência. O mesmo autor afirma que a atitude de Jesus não é uma prova de que a Escritura e seus mandamentos sobre o sábado tenham se encerrado, mas Jesus queria recuperar o verdadeiro significado do sábado.<sup>28</sup> A essência da Lei é o amor como está declarado no Pentateuco: lahweh nosso Deus é o único lahweh! Portanto, amarás a lahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força (Dt 6,4 e 5). Amarás o próximo como a ti mesmo (Lv 19, 18).

Os fariseus estavam tão presos a letra da Lei que perderam de vista a sua essência, o amor. Algo para o qual os profetas já alertavam há algum tempo. O texto de Oséias 6,6 declara: Porque é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos. Este conceito pode ser visto também em outros materiais proféticos:

Como me apresentarei a lahweh, e me inclinarei diante do Deus do céu? Porventura me apresentarei com holocaustos ou com novilhos de um ano? Terá lahweh prazer nos milhares de carneiros ou nas libações de torrentes de óleo? Darei meu primogênito pelo meu crime, o fruto das minhas entranhas pelo meu pecado? – “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que lahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus. (Mq 6,6-8)

Pensar no jovem galileu como um orador público é inusitado, afinal ele era de família muito simples, sem muito estudo formal e, ainda sim, seus discursos atraíam multidões. “Aquele jovem artesão oriundo de um a pequena aldeia da Galiléia já não retorna a Nazaré. Daqui em diante dedicar-se-á de corpo e alma a uma tarefa de caráter profético que surpreende seus familiares e vizinhos.”<sup>29</sup> Como os profetas do Antigo Testamento, Jesus não encontra facilidade e valorização na

<sup>26</sup> RIUS-CAMPS, Josep. *O evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 90

<sup>27</sup> BOVON, François. *El evangelio segun san Lucas: Lc 1~9 vol. I*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995. p. 383

<sup>28</sup> BOVON, 1995, p. 385

<sup>29</sup> PAGOLA, 2011, p. 100

sua pregação, ao contrário, é criticado, perseguido e, por fim, é assassinado. Mas apesar de tudo o que passou, não desistiu da humanidade, sempre falou ao seu coração. “O que preocupa a Deus é libertar as pessoas de tudo quanto as desumaniza e as faz sofrer.”<sup>30</sup>

Sem preocupar-se com sua segurança e seu futuro, Jesus faz o seu último sermão antes da cruz, registrado em João 15,1-17. O enfoque neste discurso de Jesus é sobre o que o homem deve realizar uma vez que já está ligado a Deus. Não é como o ser humano precisa agir para merecer o divino amor e a salvação, mas como a pessoa deve reagir ao saber que Deus a ama. Afinal Deus “não é apenas o dono da vinha, ele mesmo cuida da vinha para que produza os frutos que ele espera.”<sup>31</sup>

Jesus ensina em seu discurso a resposta do homem usando uma imagem muito presente na Escritura: a vinha; “no AT, Israel é chamada a vinha (plantação de uvas) de Deus. Mas era uma vinha ingrata: em vez de fruto, só produzia iniquidade (Is 5,1-8). Jesus é a videira verdadeira.”<sup>32</sup> Também cita um texto de Levítico 19,18 e Isaías 58,6-10. O acréscimo feito por Jesus é a união dos dois conceitos, o fruto esperado do homem que está unido a ele é que ele ame o próximo, em Isaías é declarado como demonstrar este amor:

Por acaso não consiste nisto o jejum escolhi: em romper os grilhões da iniquidade, em soltar as ataduras do jugo e pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo o jugo? Não consiste em repartir o teu pão com o faminto, em recolherdes em tua casa os pobres desabrigados, em vestirdes aquele que vê o nu e em não te esconderdes daquele que é tua carne? Se fizerdes isto, a tua luz romperá como a aurora, a cura das tuas feridas se operará rapidamente, a tua justiça irá a tua frente e a glória de lahweh irá a tua retaguarda. Então clamarás e lahweh responderá, clamarás por socorro e ele dirá: “Eis-me aqui!” Isto, se afastardes do meio de ti o jugo, o gesto ameaçador e a linguagem iníqua; se tu te privares para o faminto, se tu saciares o oprimido, tua luz brilhará nas trevas, a escuridão será para ti como a claridade do meio dia.

Jesus indicava que ao ajudar e confortar o necessitado o homem estaria produzindo o fruto que Deus espera de sua vinha, e, com esta ação o homem se sentiria mais repleto e alegre. É impressionante observar como as pessoas que não se preocupam somente consigo mesmas sorriem mais e sofrem muito menos, pois a satisfação de ser útil e instrumento do amor de Deus é inigualável.

<sup>30</sup> PAGOLA, 2011, p. 124

<sup>31</sup> KONINGS, Johan. *João*. São Paulo: Edições Loyola, 1997. p. 64

<sup>32</sup> KONINGS, 1997, P. 64

Jesus demonstra o amor de Deus, que não busca no homem méritos, mas reação. “A única resposta adequada à chegada do reino de Deus é o amor. Jesus não tem a mínima dúvida. O modo de ser e de atuar de Deus deve ser o programa para todos. Um Deus compassivo está pedindo de seus filhos e filhas uma vida inspirada pela compaixão.”<sup>33</sup> Deus ama tão profundamente o ser humano que este amor transborda e invade os corações de seus filhos que seguem-lhe os passos, amando. Pagola enfatiza:

Os que se sentem filhos e filhas de Deus o amam com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. Este amor, como é natural, significa docilidade, disponibilidade total e entrega a um Pai que ama sem limites e incondicionalmente todos os seus filhos e filhas. Não é possível, portanto, amar a Deus sem desejar o que ele quer e sem amar incondicionalmente aqueles que ele ama como Pai. O amor a Deus torna impossível viver fechado em si mesmo, indiferente ao sofrimento dos outros. É precisamente no amor ao próximo que se descobre a verdade do amor a Deus.<sup>34</sup>

Como Jesus estava repleto de amor, sempre atentava para as necessidades das pessoas e não as suas. Jesus demonstra o amor de Deus, enfatiza como ele está próximo e atento as necessidades humanas. Pagola destaca:

Percebem a ternura com que acolhe os mais pequeninos e desvalidos. Emocionam-se ao observar como ele se comove diante da desgraça e do sofrimento dos enfermos: dele aprendem a tocar aqueles leprosos e leprosas que ninguém toca. Inflama-os sua paixão por defender a dignidade de cada pessoa e sua liberdade para fazer o bem.<sup>35</sup>

Jesus revela o cuidado de Deus e se alegra com a solidariedade e a fé de seus servos. “Jesus não está interessado apenas nas almas, ele está interessado na miséria do homem todo.”<sup>36</sup> Também demonstra o amor de Deus em todas as suas atitudes, preocupa-se com o sofredor e o oprimido. Pagola assevera:

As fontes cristãs resumem atuação de Jesus afirmando que ele se dedicava a duas tarefas: anunciar a boa notícia do reino de Deus e curar as enfermidades e doenças do povo. Foi esse seu empenho fundamental: despertar a fé na proximidade de Deus lutando contra o sofrimento.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> PAGOLA, 2011, p. 305

<sup>34</sup> PAGOLA, 2011, p. 307 e 308

<sup>35</sup> PAGOLA, 2011, p. 345 e 346

<sup>36</sup> SCHNIEWIND, Julius. *O evangelho segundo Marcos*. São Bento do Sul, SC: União Cristã, 1989.p. 97

<sup>37</sup> PAGOLA, 2011, p. 214

Por isso, Jesus apresenta a mesma preocupação dos profetas do Antigo Testamento, sendo considerado o maior de todos os profetas, ele é a voz de Deus: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1)

O que causava tamanha desigualdade social e pobreza eram as escolhas individuais, principalmente dos líderes. Os profetas já ressaltavam isso, “no discurso teológico dos profetas, o destino dos pobre é a chave para a justiça de uma sociedade.”<sup>38</sup> Mesmo diante daquela terrível situação o sofrimento poderia ser melhorado, era este ponto que Jesus (como os profetas) queria demonstrar, “que a dor, mesmo que intensa, pode ser vencida com a solidariedade.”<sup>39</sup>

Jesus mostra o amor de Deus, pois veio para que o desamparado tenha acesso a uma vida digna e completa. Demonstra como o sofredor é o centro da preocupação de Deus. Com a maneira de agir de Jesus podia-se “dizer que Deus já está presente, porque ele mora entre as vítimas e sofredores, confortando-os através de seu eterno companheirismo.”<sup>40</sup> Deus está sempre ao lado, sem se preocupar com os méritos de quem pede sua companhia.

Ele está em todo o lugar, mas as vezes, somente o homem que se encontra em situações difíceis reconhece sua carência de Deus, e ele está a postos para socorrê-lo. Declara Rossi:

Deus se revela na história e para a liberdade... Onde há maior necessidade de vida abundante, é ali que Deus se revela. Deus foi, é e sempre será o pai do órfão, o protetor da viúva, o descanso para o estrangeiro e o restaurador do oprimido... Aquele que tem o privilégio da misericórdia e graça de Deus não é outro senão o pobre e derrotado. Primeiro este, com sua vida sensível pelo sofrimento imposto, com o coração aberto a receber a ajuda de Deus-Pai.<sup>41</sup>

## Conclusão

A maior parte das pessoas confunde literatura profética com literatura apocalíptica. Quando se fala em profecia já se pensa em antecipação do futuro e uma ruptura com o mundo atual. Mas profecia não se trata disso. O que profeta fazia era uma leitura dos acontecimentos presentes e, através da sabedoria concedida

<sup>38</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Jesus vai ao Mc Donald's: Teologia e sociedade de consumo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p, 71

<sup>39</sup> ROSSI, 2008, p. 19

<sup>40</sup> ROSSI, 2008, p. 161

<sup>41</sup> ROSS, I2008, p. 158 e 159

por Deus, antecipava as consequências. O profeta era um homem de seu tempo, preocupado com o seu cotidiano.

Deus sempre esteve presente na história, foi seu iniciador, mantenedor e será o restaurador. Nunca se ausentou do cotidiano dos homens, está sempre atento a cada lágrima derramada. Quer socorrer e confortar seus filhos, Deus faz isso através de seu povo. A missão de quem aceita o amor de Deus é amar e cuidar das pessoas que estão ao seu redor.

Mas o povo de Deus, ao longo do tempo, não originou o fruto que Deus esperava. Este fruto é o amor, demonstrado através da solidariedade e do desapego a si próprio. Para reforçar ao povo qual era sua responsabilidade Deus enviou seus servos, os profetas. Infelizmente, o tempo foi passando e o povo escolheu não atender ao clamor de Deus. Por fim, o próprio Deus veio em carne, mas ainda escolheu-se por não ouvi-lo. A voz de todos estes homens enviados clamava por amor e piedade entre os homens.

No evangelho de Marcos (12, 28-34) encontra-se descrição da essência da Lei. Neste trecho o primeiro mandamento em importância envolve adoração. Deus deve ser o soberano na vida de quem opta por estar com ele. Jesus continua afirmando que esta adoração a Deus é demonstrada no amor ao próximo. O próprio escriba reconhece e declara que seguir todas as leis judaicas, como praticar a oferenda de holocaustos e sacrifícios, não se compara a prática do amor. A frase final de Jesus neste texto encerra toda a discussão e conclui esta pesquisa, quem vivencia o amor está próximo ao Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Marcelo Fernandes de. **Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e esperança.** São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

BOVON, François. **El evangelio segun san Lucas: Lc 1~9 vol. I.** Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995.

BRUCE, F. F. **João: Introdução e comentário.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1987.

CORNELL, Timm e John Matthews. **Roma: legado de um império.** Volume I e II. Madri: Edições Del Prado, 1996.

- HORSLEY, Richard A. e John S. Hanson. **Bandidos, profetas, e messias:** movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 1995.
- KONINGS, Johan. **João.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- MAGGI, Alberto. **Como ler o evangelho sem perder a fé.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MESTERS, Frei Carlos. **Com Jesus na contramão.** São Paulo: Paulinas, 1995.
- PAGOLA, José Antonio. **Jesus:** aproximação histórica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- RIUS-CAMPS, Josep. **O evangelho de Lucas: o êxodo do homem livre.** São Paulo: Paulus, 1995.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao Mc Donald's:** Teologia e sociedade de consumo. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.
- SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos.** São Bento do Sul, SC: União Cristã, 1989.
- STEGEMANN, Ekkehard W. e Wolfgang Stegemann. **História social do protocristianismo:** os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.
- TILLY, Michael. **Assim viviam os contemporâneos de Jesus:** cotidiano e religiosidade no judaísmo antigo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.